

Farsa do Juiz da Beira de Gil Vicente

Figuras: Pêro Marques, Porteiro, Ferreiro, Vasco Afonso, Ana Dias, Sapateiro, Escudeiro, Moço do Escudeiro, Preguiçoso, Bailador, Amador, Brigoso.

Esta farsa que se adiante segue é o seu argumento desta maneira: Diz o Autor que este Pêro Marques, como foi casado com Inês Pereira, se foram morar onde ele tinha sua fazenda, que era lá na Beira, onde o fizeram Juiz. E porque dava algumas sentenças disformes por ser homem simples, foi chamado à Corte, e mandaram-lhe que fizesse uma audiência diante de el-Rei. Foi representada ao mui nobre e cristaníssimo Rei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, em Almeirim, na era do Senhor de 1525.

Entra Pêro Marques dizendo:

Olhai vós bem qu'este sou eu
homem de boa ventura,
empacho nunca m'atura,
e hei-de dizer o meu
coma qualquer criatura.
PÊRO – Marques sou da Beira
e juiz mexericado;
deram-me lá um Julgado
por cajo de Inês Pereira,
com que embora sou casado.
Passou-se cá um mandado
nega por me dar canseira,
que logo em toda maneira
viesses, e vim emprazado
bofá com franca esmoleira.
E porque me tem tenção
Diogo Lopes de Carvalho,
por me meter em trabalho,
diz que não cumpro a Ordenação,
e que pera juiz não valho.
Qu'elle é muito d'apertar
com juizes de siqueiro.
Ora eu por não ser panceiro,
vim cá pera m'amostrar
que sou eu homem inteiro.
Ora assi que de maneira
minha hóspeda Inês Pereira
(Deus a benza!) sabe ler,
e quanto me faz mister
pera eu ir pola carreira.
De que eu contente sam,

soma avonda que assi
 lê-me ela o caderno ali
 onde s'é a ordenaçam
 de cabo a rabo em par de mi
 do que pertence ao juiz:
 e assi como ela diz
 assi xe-mo faço eu;
 e em terra de Viseu
 ninguém não me contradiz.

Vem um Porteiro apregoando:

Quem quiser vir arrendar
 as charnecas de Coruche,
 antes que o lanço mais puxe,
 que se querem arrematar.
 São terras novas guardadas,
 que nunca foram lavradas.
 Oh que matos pera pão!
 que vales pera açafão
 e canas açúcaradas!
 E mais quem quiser lançar
 n alfândega da cortiçada,
 ser-lh'há logo arrematada,
 se espera bem de pagar.
 PÊRO – Senhor Porteiro.
 PORTEIRO – Andar.
 PÊRO – Em lugar de cor'gedor
 me mandou o Regedor
 que faça neste lugar
 odiança d'Ouvidor.
 Vossa mercê servirá
 minha odiança assi
 como ele também a mi;
 então aqui se verá
 se vou eu limpo daqui.
 Ora traga vossa mercê
 um banco e uma esteira,
 e uma cortiça inteira,
 e vossa mercê me dê
 licença que o requeira.
 Ide logo sem tardar.
 PORTEIRO – Quem no vir assi mandar
 cuidará que sabe o que diz:
 tal é ele p'ra juiz
 como eu sou pera pregar.
 PÊRO – Olhai cá, senhor Porteiro.
 PORTEIRO – Senhor juiz, que me manda?
 PÊRO – Pregoai quem tem demanda,
 que venha aqui a terreiro

e diga em que termos anda.
 E venha o banco todavia
 muito bom, muito direito.
 PORTEIRO – Quem quiser hoje este dia
 ver mão pesar de seu feito,
 não tarde uma ave-maria.
 Tal juiz em tal lugar
 parece cousa de riso.
 Porém que me dá a mi disso
 bem julgar nem mau julgar?
 quem faz juiz um vaqueiro!
 PÊRO – Senhor Porteiro, lá vem
 Vasco – Afonso e também
 João Domingues, ferreiro.

Indo o Porteiro buscar o banco, topa o Ferreiro e Vasco Afonso, e diz o

FERREIRO – Que andais buscando, Porteiro?
 PORTEIRO – Um banco pera a audiança.
 FERREIRO – Aqui banco não s'alcança
 senão em casa do carpinteiro.
 PORTEIRO – Digo a Deus e à ventura,
 não é melhor esta cadeira
 que tem pele e tem madeira
 e tem-se bem e é segura?
 FERREIRO – Poucas destas viu o Juiz.
 Vasco – Boa é ela pera assentar,
 mas este atafal não diz.
 PORTEIRO – Isto é pera encostar.
 Senhor Juiz, isto é cadeira;
 cortiça, nem ponta dela.
 PÊRO – Dai á demo a cancela
 e quem a trougue da feira:
 eu não saberei aqui ser.
 Dou já é fogo a guitarra!
 Quem tinha esta zanguizarra?
 PORTEIRO – Quem a sabe conhecer.
 PÊRO – I-me a Diogo d'Arruda
 que me faça uma trepeça.
 PORTEIRO – Que juiz e que cabeça!
 Dou eu já á demo a resmuda.
 PÊRO – E que diz ele? que diz?
 Vasco – Que pareceis escudeiro.
 PÊRO – Como é bom este Porteiro!
 PORTEIRO – Como é parvo este Juiz!
 Corpo de mi co gaiteiro!
 PÊRO – Pardeus, logo eu jurarei
 que o Porteiro é homem são,
 por si, si, e por não, não,
 todo feito a boa lei,

e fora de má tenção.
 PORTEIRO – Esta é rasa e mais honesta.

PÊRO – Ponte, eu que cousa é esta?

Não tragais jogo de ver,
 que bem haveis de saber
 que isto é presepe de besta.

Vá eramá vossa mercê
 e traga logo a recado
 um banquezinho assim usado,
 porqu'isso não sei que é.

PORTEIRO – Um vilão destemperado
 é pior que pestelença.

Oh! dou ó demo a audiência!
 Perdoe-me Deus se é pecado.

Ora assi hei-eu d'andar
 De Anás pera Caifás?

Juro a cata-que-farás
 que bem me podem chamar
 tu que vens e tu que vás.

Ei-lo banco cá está.

Esteis muitieramá:
 tomai lá, senhor juiz,
 pera vós este vos diz.

PÊRO – Pera mi! ai serei:
 pardeus, próprio é com'este
 um banco que lá deixei:
 agora estou coma El-Rei,
 e praza a Deus que me preste.

Ora sus, agasalhar,
 tirai d'i essas cancelas;
 quelas i não hão-d'estar:
 ou fora, à rua com elas.

FERREIRO – Estai vós aí, Juiz,
 e nós em pé como bons filhos.

PÊRO – Senhor Porteiro, esses peguilhos
 deitai-os no chafariz.

PORTEIRO – Levarei, ora estai quedo:
 perdida é a decoada na cabeça d'asno pegada.
 Não sois vós pera câmara, Pedro.

Leva o Porteiro as cadeiras e topa com Ana Dias que vem à audiência, e diz:

PORTEIRO – Venhais embora, Ana Dias.
 Em demanda andais cá?

ANA – Sempre o diabo me dá
 com que tenha negros dias.

PORTEIRO – E feito crime ou que é?

ANA – Não sei s'é crime, se que:
 minha filha é violada,

e houveram-ma forçada:
vou-me ao Juiz.

PORTEIRO – Esse é;
mas tanto val como nada.

ANA – Querelo-me, senhor Juiz,
do filho de Pêro Amado
que o achei emburilhado
com a minha Beatriz.

PÊRO – E onde?

ANA – No seu cerrado.

PÊRO – E que ia ela lá catar?

ANA – Foram ambos a mondar,
e o trigo era creçudo
e foi-se a ela.

PÊRO – Coma sesudo,
pois que tinha bê lugar.

ANA – Olhai vós como ele gosta!
Juiz, fazei-me demito.

PÊRO – Digo que pois já é feito,
venha ele com sua resposta,
ou lhe faça bom proveito,
e venha a moça citada.

ANA – E a cachopa é prenhada.

PÊRO – Assi se faz.

ANA – Não há hi mais?

Esse é o remédio que dais?

Ora estou bem aviada.

Mãe! mãe! eu não sei que diga!

PÊRO – Pai! pai! venha a rapariga,
e veremos que ela diz:
e como diz a cantiga,
traga as testemunhas cá,
sete ou oito abastarão.

ANA – Senhor, se não for per rezão,
nunca s'isso provará:

Que era o pão onde os achei
mais alto do qu'é essa vara.

PORTEIRO – S'ela mesma não folgará.
chamara ela áquedelrei;
mas credo *quo natura dat*
nemo negare pote.

FERREIRO – Ana diz, feito é já,
não s'há-de fazer de cote.

ANA – Não sou eu Marta a piadosa
que dou caldo aos enforcados,
nem perdoa tais pecados
quem a honra tem mimosa.

O que havedes de fazer,
sentai-m'o nessa querela,
que adiante hei-d'ir com ela,

inda que saiba morrer.
 Não no hei polo desprezo
 que ele quis fazer de mi,
 nem outras cousas assi;
 mas hei-o polo mau vezo
 qu'ele tomará daí.

PÊRO – Se a moça é dessa pele,
 não é o moço de culpar.

ANA – Deixara-a ele mondar:
 que olho mau se meta nele,
 e muito do mau pesar.

Maus exemplos, maus ensinós;
 um moço já homem barbado,
 (Benz'o Deus) e mancipado
 ir fazer tais desatinos!

PÊRO – São cousas de moços.

ANA – Assi,
 boa concurusão trazeis.

PÊRO – Que é o que vós quereis?

ANA – Que o mandeis vir aqui
 preso, e que o castigueis.

PÊRO – Já eu estive cuidando nisso,
 porque eu não sou abantesma.

Mas que sei eu s'ela mesma
 deu ocasião pera isso?

E perem tudo assi visto,
 eu mando per meu mandado
 que até esse pão ser segado
 que se não fale mais nisso.

E àquele mesmo pão
 eu e estes homens bõs
 iremos lá e veremos nós
 se houve per força ou não:
 que se ela não queria
 estará o pão derramado,
 e há mister bem olhado
 ela se se defendia.

Vem um Sapateiro, Cristão-novo, de calçado velho, e diz:

SAPATEIRO – Cuando éramos judíos,
 dolor del tiempo pasado,
 ciento y veinte y um ducado
 tenia en ducados mios,
 sin le faltar un cornado.
 Morador en Carrion,
 y mercader en Medina,
 casado con dona Dina,
 nieta de Jacob Zarion,

maestro mor d'Adelina.
 Agora que soy guayado
 y negro cristianejo,
 andome á calzado viejo,
 desnudo, desfarrapado,
 ei mas triste del concejo.
 Y por mas postomeria
 una hija que tenia
 tal como cera colada,
 húbomela alcahuetada.
 Voyme ai Juez todavia.
 Honrado señor Juez,
 PÊRO – Ei-lo.
 SAPATEIRO – Seais bien logrado
 Yo me soy Alonso Lopez,
 (que se vea negra pez
 la que me tiene enlodado!)
 ANA – Dias que aí está
 usa de alcahuetaria;
 enlodó una hija mia,
 moza ya de buena edad,
 tal como la luz dei dia.
 ANA – Olho mau se meta em ti.
 cascarrea de judeu!
 E em tal mulher como eu
 falas tu? dize, alfaqui,
 alcoviteira sou eu?
 SAPATEIRO – Señor Juez.
 PÊRO – Ei-lo.
 SAPATEIRO – Buen placer.
 Mandad á esa mujer
 que hable cortés conmigo
 ANA – Farrapo, tu que hás con tigo,
 ou que me viste fazer?
 SAPATEIRO – Señor Juez.
 PÊRO – Ei-lo.
 SAPATEIRO – Vivais.
 Mandaida iuego caliar,
 porque yo quiero probar
 cosas della, que digais
 doy al diable ei exovai.
 ANA – Mana minha! àquedelrei!
 Dize, gato de Tobias,
 e mulher sou eu de lei
 pera alcovitar judias?
 SAPATEIRO – No habieis tanto de dedo.
 ANA – Eu sou ama do Craveiro,
 vezinha do Tisoureiro,
 sobrinha d'Alvarazedo.
 Dum filho daranha morta!

E mais eu te provarei
que um cavalo d'ei-rei
estercou à minha porta.
SAPATEIRO – Honrado señor Juez.
PÊRO – Ei-lo.
SAPATEIRO – Buenas hadas
es bien que en vuestras quejadas
me diga aquello Ana Diez?
PÊRO – São mulheres.
SAPATEIRO – Aosadas!
ANA – Antes m'espanto de mi
como não salto em ti
e te quebro essas queixadas.
SAPATEIRO – No te abasta alcahuetar
á mi hija, hembra mala?
ANA – Cala-te má ora, caia,
não me façás atentar.
PÊRO – Olhai que m'esquece a mi
que cousa é alcovitar.
SAPATEIRO – Yo os lo quiero contar,
que es una arte por si.
Teneis (Dios os guarde amigo)
vuestra hija ó muger,
buena, limpia como ei trigo
que se coge á buen placer.
Míraia un cortesano,
mírala, quiérela, deséala:
pues que hará
pera la haber á la mano?
vase á una tal como esta,
y cuéntale tal y tal,
y ella está tan honesta,
que guárdeos Dios de mal.
Vase la vieja ai molino,
entra muy dissimulada,
muy honesta cobijada,
como quien sabe ei camino.
Tanto escarva, tanto atiza
per tal arte y per tal modo,
hace um ciclo ceniza
hasta ponella de lodo.
Y esta es de la manada;
que siendo en misa yo,
adá pocas veces vá,
entrá la señora honrada
y á mi hija engañó.
PÊRO – Se lhe ela fora rogar
pera mondar um linhas,
a moça embargara o caminho;
mas bom é de encaminhar

o gato pera o toucinho.

SAPATEIRO – Si no fuera esta malvada,
Marina no errara ansi.

ANA – Agora me lembra a mi
onde Marina morava:
antre os odreiros ali me parece que vos vi
c'os odres dependurado.

SAPATEIRO – Señor Juez.

PÊRO – Ei-lo.

SAPATEIRO – Buen mandado

Yo tambien veisme aqui
con los odres pendurado.

EI negro Alonso Lopes

mal viva si otra vez

venga a pedir os derecho.

No me fuera mas provecho

dar ai diablo el Juez?

Que esta merece quemada.

PÊRO – Julgo que se esta dona honrada

sabe isso tão bem fazer,

se o deixar esquecer,

seja por isso açoutada.

Assi se cerra a cancela.

Calar, ieramá, calar,

e não vir-vos exemplar.

Não no sabia senão ela,

e ele vem-no apregoar.

SAPATEIRO – Páscoa mala dé Dios al Juez,

y mala páscoa ai Portem,

y negra páscoa ai herrero,

y al Juez otra vez,

y mala páscoa á Ana Diez,

y á mi negra vejez

me dé si christiano muero.

Vem um Escudeiro com um seu moço, e diz:

ESCUDEIRO – Toma lá esse sombreiro;

eu sou já acrecentado

escudeiro encavalgado,

depois serei cavaleiro,

que o ano for acabado.

Ando já quase privado

como quem no melhor anda,

agora ver-me em demanda,

acho-me tão salteado

como o gato na varanda.

Viste-me tu nunca andar

em demanda com ninguém,

senão uma em Santarém?
 Moço – E outra no Lumiar,
 e em Lisboa também.
 Mas antes, a Deus louvores,
 sempre vos vi ser citado.
 ESCUDEIRO – Folgo porque és lembrado,
 e louvas Deus com minhas dores. -
 Sois vós o Senhor juiz?

PÊRO – Assi se roge por cá.
 ESCUDEIRO – Vossa Mercê saberá
 que m'enganou Ana Diz,
 que a pé de júzo está.
 ANA – Enganei! Nunca Deus queira.
 ESCUDEIRO – Ouvi vós, emboiadeira:

eu andava namorado
 de uma moça pretezinha,
 muito galante mourinha,
 um ferretinho delgado,
 á quanta graça que tinha!
 Então amores de moura,
 já sabeis o fogo vivo,
 ela cativa eu cativo:
 ora que má morte moura
 se há hi mal tão esquivo.
 Eu morria, e além disso
 eu não tinha então mais siso
 do que aquela porta tem.
 Não faleis em querer bem,
 que rapa todo o aviso.
 Andando assi como digo
 escravo da servidora,
 socorri-me a esta senhora.
 Depois de falar comigo,
 dix'eu: Senhora Ana Diz...

Estai vós pronto, Juiz.
 PÊRO – Ei-lo: bem vos ouvo eu.
 ESCUDEIRO – Dixe-lhe: ando sandeu,
 Pesar dos santos, qu'eu fiz;
 esta moura por que mouro,
 se m'a vós haveis à mão,
 senhora, à fé de cristão
 de vos dar uma peça d'ouro
 por sair desta paixão.

ANA – Que vos dixeu eu então?
 ESCUDEIRO – Esperai, qu'eu o direi.
 Dixestes-me: trabalharei
 por um cruzado p'ra pão.
 Senhora, eu vo-lo haverei.
 Vou e vendo uma viola

e um gibão de fustão
 e botas de cordovão,
 que tinham inda boa sola
 que durariam um verão;
 e vendi uma gualteira,
 e fiz da pousada feira.
 Soma em fim de rezões,
 ajuntei quatro tostões,
 e meti-lh'os na mãozinha,
 dizendo-lhe: senhora minha,
 lembrem-vos minhas paixões.
 Foi-se a boa d'adela,
 e ao primeiro recado
 disse: dai-me outro cruzado,
 que prazendo a Madanela
 logo sereis aviado,
 Deus querendo, muito prestes,
 porque aquele que me destes
 em cuz-cuz o comeu ela.
 E se vós quereis vencê-la,
 andem os dinheiros bastos,
 e não receeis os gastos
 em tal moça como aquela.

ANA – Não vos dizia eu mal nisso,
 porque não se tomam trutas
 assi a bragas enxutas,
 nem se ganha o paraíso
 senão com ofertas muitas.

ESCUDEIRO – Em fim, vou eu muito asinha
 empenho uma sela que tinha,
 e albarde o meu cavalo,
 e foi-me forçado alugá-lo
 pera acarretar farinha,
 e fiquei desbaratado.

Isto tudo faz fazer
 o mau rapaz do Amor.

PÊRO – Prossegui vosso lavor,
 falai no que faz mister.

ESCUDEIRO – Como varreu à vassoura,
 que vintém não me ficasse,
 veio-me dizer que a moura
 pedia que a forrasse,
 E d'outra nenhuma maneira
 que fosse cantar à gamela,
 ou me fosse rir à feira,
 que não tinha nada nela.

E ante d'haver o dinheiro:
 Esta moura há-de morrer,
 tamanho é o bem que vos quer:

esforçai, lindo Escudeiro,
que não na podeis perder.
Mandava-lhe a pada de pão,
as empadas de sardinhas,
bacios de camarinhas,
a talhada do melão.

E uma manta d'Alentejo
que na minha cama tinha,
manta já usadazinha,
m'a levou com tal despejo
como s'ela fora minha.

Assi como vo-lo eu rezo
esta vos é Ana Diz.

ANA – Na forca veja eu o Juiz,
que é o homem qu'eu mais prezo,
s'eu tais emboladas fiz:

lembra-me que falei eu
a uma filha do Cetem.

ESCUDEIRO – Essa me custa a mi bem
do alheio e do meu.

ANA – Se vos pagais tanto dela,
forrarei-la ora má dia.

ESCUDEIRO – Não forro minha moradia,
poderei forrar a ela?

Senhor Juiz, conhecida
é a bulra. Dê-me o meu.

PÊRO – Desde aqui sentenceio eu
a moeda por perdida
como alma de judeu.

ESCUDEIRO – Assi há isso de passar?
Juiz, mandai-me pagar.

PÊRO – S'ela quiser: - Quereis, Ana Diz?

ANA – Bofá não, senhor Juiz

PÊRO – Não no há-de querer dar.

ANA – Viva o Juiz minhas flores!

PÊRO – I-vos embora, Escudeiro,
e nunca peçais dinheiro
que gastastes per amores.

ESCUDEIRO – Outro caso trago eu.

PÊRO – Dizei.

ESCUDEIRO – Digo mais, senhor Juiz,
este moço, o pecador,
é nécio, quer-se ir de mim
agora que está na fim,
que lhe havia d'ir melhor.

Ora pois que se quer ir
sem pancada, nem arruído,
muito farto e conhecido,
dei-lhe agora de vestir,
torne-me cá o meu vestido.

E mais lançou-me a perder
 uma cama em que jazia
 ele mesmo até meio-dia,
 boa e de receber.

Moço – Cama chamam cá às arcas,
 ou é fala assi mudada?
 Quant'eu na sua pousada
 sempre sei noites de barcas:
 e quem calar mais danos.
 Senhor Juiz, há seis anos
 que estou co'este Escudeiro,
 já'gora fora barbeiro,
 se não foram seus enganos.
 Ao tempo que vim par'ele
 estava mais melhorado,
 mas agora, mau pecado,
 mau pesar é feito dele,
 e da viola e do cavalo,
 e da cama e do vestido,
 e do meu tempo servido
 e d'outras cousas que calo.
 Esta noite, eu lazerando
 sobre uma arca e as pernas fora,
 ele acorda-me à uma hora:
 Oh! se soubesses, Fernando,
 que trova que fiz agora!
 Faz-me acender o candeeiro,
 e que lhe tenha o tinteiro,
 e o seu galgo uivando,
 e eu em pé renegando
 porque ao sono primeiro
 está meu senhor trovando.

ESCUDEIRO – Não sabes, dize, parviço,
 que sou eu o mesmo Paço!

Moço – Bem sei eu segundo jaço
 que cousa é paço e palhiço.
 Nem vós não tendes chumaço,
 nem de ventura atolais
 em colchões e cabeçais;
 também vós fazeis pendença,
 eu não sei como a doença
 não vai onde vós estais.

Peço contra ele, Juiz,
 que o serviço que lhe fiz
 que m'o pague por inteiro.

PÊRO – Veremos nós o que ele diz.
 Que dizeis vós, cavaleiro?

ESCUDEIRO – Não há hi por hu correr,

em que m'esfolem a pele.

PÊRO – Mando que sirvais a ele,
e que lhe deis de comer
até que cumprais co'ele.

Moço – Eu não quero mais sentença
senão que me deis licença
e chamar-lhe-ei tu ou vós.

PÊRO – Digo que te vás com Deus,
e não faças mais detença.

ESCUDEIRO – Vedes-me aqui sem a moura,
trosquiado sem tisoura,
vedes-me aqui sem cavalo,
sem sela, sem manjedoura,
e sem galinha nem galo.

Não praza a Deus co'a viola,
que assi se tomou mourisca
e eu fico à carraquisca,

«en los campos verdes sola».

Porém, prazendo a Jesu Cristo,
quero-m'ir fazer sobre isto
dous pares de trovazinhas:
o comer, por essas vinhas,
pois o demo me fez isto.

Vêm à audiência quatro irmãos, um deles muito preguiçoso, outro que sempre baila, outro que sempre esgrime, outro que sempre fala de amores. A estes per morte do pai não lhes ficou senão um asno; deixou o pai no testamento que o herdasse um deles, e não nomeou qual. Entra o Preguiçoso dizendo:

PREGUIÇOSO – Não há hi favo de mel
tão doce como a preguiça;
é mais desenfadadiça
que bom pomar nem vergel,
noutro dia um meu amigo
em siso bradou comigo
porque durmo trás do lar,
na cinza, que é o acertar;
porque diz o verbo antigo,
em cinza t'hás-de tornar.
Melhor é ser preguiçoso,
que homem negociado;
porque quem for repousado
não será malicioso,
mas será homem de bem:
não dirá mal de ninguém
todo o tempo que dormir,
nem madrugará a aquerir
por haver o que outrem tem.
Venho cá, senhor Juiz,
e dir-vos-ei a que venho,

porque a preguiça que tenho
 faz de mim uma boiz.
 Eu tenho uns três irmãos:
 um deles é polas mãos
 mui valente esgrimidor;
 o outro ã há em cristãos
 tão doudo homem d'amor.
 E somos quatro comigo,
 preguiça é o meu fado.
 Meu pai, senhor, é finado,
 sem nos ficar nem um figo,
 senão um asno pelado.
 Vêm todos cá à audiência,
 porque tempos deferença
 qual de nós o há-d'herdar.
 o esgrimidor quer-nos matar,
 o outro diz que é sua a herança,
 e lhe pertence por bailar.
 Eu não posso já falar
 de preguiça, meu senhor.
 Eis aí vem o bailador:
 Eu quero-me aqui deitar.
 BAILADOR – Pois tanto tarda o prazer,
 e tanto dura o pesar,
 houvera Deus de fazer
 que o pesar pudera ser
 prazer pera se lograr
 E pois o nojo se vem
 sem o ir buscar ninguém,
 eu acho cá no meu rol
 que bailar de sol a sol
 faço bem e mais ca bem.
 Senhor Juiz, hufá! eu por bailar
 Mereço o asno de meu pai,
 Hufá! e vós mo julgai.
 PÊRO – Ou vós haveis de falar,
 ou vós haveis de bailar.
 BAILADOR – Bailar.
 PÊRO – Ora bailai.
 BAILADOR – Hufá! amores pardeus!
 Agora tornemos nós
 Falar na morte de meu pai.
 Ficou um asno da geneta,
 e somos quatro irmãos...
 Estão-me proindo as mãos
 por dar uma sapateta
 como nos bailos vilãos.
 Hufá! amores cortesãos!
 Eu bem poderei cansar,
 mas que não leixe chegar

nojo, nem ao meu nariz.
 Abonda-vos a vós, Juiz,
 que o burro m'havéis de dar
 polo bem que a meu pai fiz:
 que meu irmão preguiçoso
 nunca saía do lar.

PREGUIÇOSO – Quero-m'ora levantar
 diz o sengo sabichoso
 bom é às vezes falar.
 Vós o asno, meu senhor
 juiz, não mo tolhereis,
 porque certo sabereis
 que este mesmo bailador
 deitou meu pai através.

E eu guardava as casas todas
 detrás do lar estirado,
 que sem mim fora roubado.

BAILADOR – Eu lhe trazia das bodas
 sempre o capelo atestado
 de figos, de carne e pão.

Bofá o asno me darão,
 porque o tenho bem ganhado,
 Pardeus, eu era alegria
 de nossa casa vazia.

Esse dormia como cão,
 que mijava onde jazia.
 Não vedes meu afanar
 e ele folgar, nó mais?

PÊRO – Pardeus, bem vos amanhais.
 E não é melhor folgar
 que trabalhar por demais?

PREGUIÇOSO – Dizeis muito bem, Juiz;
 vós sois meu procurador.
 Eis cá vem sempre Amador,
 e veremos o que diz.

AMADOR – Quem enfermo for d'amor,
 como eu contino sam,
 faça autos de cristão,
 confesse-se, tome o Senhor,
 pois tem a morte na mão.

E pera tão prestes partir,
 ande tão triste como ando,
 desejando

a pena que está por vir.
 Quem quiser vida serena
 nunca queira o que eu queria,
 porque das horas do dia
 a que me dá maior pena
 me traz maior alegria.
 E o triste meu cuidado,

quanto mais desventurado,
 mais ledo, porque se cura
 com tristura,
 o mal que é desesperado.
 Creio que quando nasci
 estava o sol eclipsado,
 e o ar todo carregado
 de tristezas pera mi,
 pois tristeza sou tornado.
 E o sino em que fui gerado
 (Olhai que desventura!)
 estava desconcertado,
 e logo foi condenado
 meu nacer pera tristura,

«Leixar quero amor vosso,
 "Mas não posso.»

Oh quem fora ali com Deus
 ao fazer do amor,
 e lhe dissera: ah Senhor,
 amor sejais vós de nós,
 e não haja amor com dor.
 Fazei-o doce, amoroso,
 suave, tirai-lhe a pena,
 dai-lhe condição serena,
 não haja tanto queixoso.
 BAILADOR – Que voltazinha! hufá! hufá!
 PREGUIÇOSO – Grão descanso é espreguiçar.
 AMADOR – Ora deixai-me falar.
 PÊRO – Bofá, a vontade me dá
 que não hei hoje d'acabar.
 AMADOR – Quanto mais favorecido
 me traz esta rapariga,
 tanto sinto mais fadiga,
 e queimo mais o sentido.
 Ora vede vós qu'é isto?
 PÊRO – Falai eramá a bem do feito.
 Requerei vosso direito,
 pois vos já pusestes nisto,
 e fareis vosso proveito.
 AMADOR – O asno, senhor Juiz,
 qu'estes vêm a demandar,
 a mi o haveis de julgar,
 e o direito assi o diz.
 Porque eu sou namorado,
 e este asno canta coma anjo,
 e será grão desarranjo
 não me ser logo julgado;
 e mais entende mui bem

e responde por acenos.
 BAILADOR – Juiz, ele o merece menos:
 eu bailei em Santarém
 sendo os Infantes pequenos.
 E bailei no Sardoal,
 e de contino me vem
 bailar sem haver alguém
 que me ganhe em Portugal.
 Ora olhai esta maneira
 pera bailar com mulher;
 e sabeis como se quer?
 sempre a volta assi ligeira.

*Enquanto este baila o Preguiçoso dorme e ronca e o Namorado canta e suspira,
 diz o*

FERREIRO – Ora eu quarenta anos hei,
 e vi muitos homens já,
 e andei per cá e per lá,
 mas eu nunca tal topei.
 Ah corpo de santo Ilário!
 Serem de um pai gerecidos,
 e de uma mesma mãe nascidos,
 cada um com seu veairo!
 Pernetá, ou que demo será?
 BAILADOR – Hou Juiz, saí vós cá,
 dareis uma volta comigo.
 PÊRO – Pardeus, baila tu, amigo,
 e salta atás qu'eu lá vá,
 tens bem de comer contigo.

*Vem o outro irmão, a que chamam Ferão Brigoso, com sua espada nua e capa no
 braço, como que saiu dalguma briga, e diz:*

BRIGOSO – Bem basta a um homem só
 saltarem com ele cinco;
 mas catorze! – não é brinco:
 porém sacudi-lhe eu o pó,
 como soio quando arrinco.
 Seis deles não escaparão,
 que vão muito acutilados;
 os cinco vinham armados,
 feitos malha de Milão,
 os três traziam relíquias,
 e a oração de São Leão.
 Dizia eu dando no chão:
 ó braço! quão baixo ficas!
 Eu trazer relíquias! – nada.
 E sabeis vós porque não?
 Porque mato com rezão,

e quando levo da espada,
 treme a terra e abre o chão.
 E se é sobre mulher,
 que merece ser servida,
 nem Heitor não me tem vida.
 E *quemcunque* vul trazer,
 nem por isso tem guarida.
 E agora catorze a mi,
 foi mui grande neicidade,
 porque saibam a verdade,
 e o podem dizer assi
 no Céu à santa Trindade,
 que o certo em que me fundo
 é despovoar-lhe o mundo:
 e diga-lho quem quiser,
 inda que saiba ir ter
 ao Inferno mais profundo.
 Ainda lá farei fataxas,
 qu'eu não hei-d'ir sem espada.
 Então tanta cutilada,
 estocadas altas, baixas,
 nesses diabos pancadas,
 cutiladas pelo ar,
 polas nuvens, por estrelas.
 Trezentas e trinta querelas
 tenho inda por purgar,
 e de morte todas elas.
 Sois vós, senhor, Juiz?
 PÊRO – E pois quem no há-de ser?
 BRIGOSO – Ora pois eu quero ver
 se sois juiz, se boiz.
 Que pouco m'hei-de deter.
 Este asno deve ser meu,
 e vós assi mo julgai,
 que eu fui honra de meu pai,
 e assi o provarei eu.
 O asno, Juiz, me dai.
 E senão...
 PÊRO – Como senão?
 BRIGOSO – Senão, não sei que vos diga.
 PÊRO – Cuidei que era isso briga.
 Não sejais sandivarrão,
 qu'eu também não sou formiga.
 Tende vos em vos aviso,
 ou darei tantas em vós,
 que vos faça ter mais siso.
 BRIGOSO – Não folgaria eu com isso,
 mas, pesar-m'ia, pardeus.
 O que quiserdes julgar,
 isso seja, isso quero.

PÊRO – Vós vindes tão bravo e fero
como se fôsseis o mar,
ou em crueldade Nero.

Não façamos mais detença.

AMADOR – Que julgais, Juiz honrado?

PÊRO – Julgo per minha sentença
que o asno seja citado
pera a primeira audiência.
Em tanto podeis cantar
e bailar e espreguiçar,
qu'eu vou buscar de comer.
E quem de mim mais quiser
caminhe e vá-me buscar.

Sáíram todos cantado o seguinte

«Vamos ver as Sintrãs,
«senhores, à nossa terra,
«que o melhor está na serra.
«As serranas Coimbrãs
«e as da serra da Estrela,
«por mais que ninguém se vela,
«valem mais que as cidadãs:
«são pastoras tão louçãs,
«que a todos fazem guerra
«bem desde o cume da serra.»

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 1999

<http://www.ipn.pt/literatura>
